

PANAROTTO, Demétrio. **Café com boceta**. Camboriú: Butecanis Editora Cabocla, 2017, 47 p.

CERZINDO E COZENDO: UMA TRILOGIA DE DEMÉTRIO PANARATTO

Tiago Hermano BREUNIG*
UEPG - UNESPAR

* Doutor em
Literatura pela
Universidade Federal
de Santa Catarina.
Professor colaborador
da Universidade
Estadual de
Ponta Grossa e
da Universidade
Estadual do Paraná.
E-mail: thbreunig@
hotmail.com

O escritor, compositor e professor catarinense Demétrio Panarotto costuma afirmar que a dispersão governa o seu ato da escrita, que escreve na brecha entre as atividades que se impõem como imperativas. Governando, no entanto, a dispersão, Panarotto (2017, p. 22) abre uma brecha para, criticando os governos das nossas vidas e corpos, auscultar “uma brecha” “da escuta”, “uma frincha na parede” que nos separa, como “uma racha” que, paradoxalmente, impossibilita a relação entre os corpos e, assim, dar lugar ao segundo livro da trilogia *Cerzindo e Cozendo*, publicado em maio pela Butecanis Editora Cabocla.

O primeiro livro da trilogia *Cerzindo e Cozendo*, *No puteiro*, nos apresenta a figura de Catarina, uma velha prostituta que agencia as negociações em sua casa de prostituição, frequentada especialmente por poderosos do estado de Santa Catarina. Catarina, a prostituta, continua agora, no segundo livro, sua fabulação sobre a boceta de Pandora do poder ou o poder da boceta de Pandora, a qual o autor recolhe em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para epigrafar o segundo livro da trilogia.

A trilogia evoca, assim, uma velha tradição da arte que consiste em retratar as relações sociais por meio de relações sexuais, evidenciando um poder que originariamente se exerce sobre os corpos. Na tradição das letras latinas, remonta, ao menos, ao *Satyricon*, considerado um precursor do romance, misto de prosa e poesia, como, inclusive, a trilogia em questão, estruturada em fragmentos numerados intercalados entre poesia e prosa. Na poesia, aquela tradição encontra lugar nos versos do nosso Boca do Inferno e de Bocage. Mas foi na prosa de Sade que aquelas relações se intrincaram definitivamente.

Recorrentemente, tanto na arte quanto na linguagem popular, as relações sexuais são metaforizadas pela comida, uma imagem bem conhecida daquela tradição, como comprovam os banquetes retratados em *Satyricon* para criticar os excessos da elite de uma Roma decadente. Na casa de prostituição de Catarina, tais imagens reaparecem no fragmento VIII: “não sabiam o que comiam, mas comiam, empanturravam-se, vomitavam,

e comiam de novo”, conta o narrador, dando lugar, a seguir, ao discurso da velha prostituta a respeito do legislador em tempos de suspensão da lei no moderno estado de exceção em que vivemos: “castrado, um legislador legisla melhor, dizia Catarina, dizia e ria, e mostrava os dentes amarelos” (PANAROTTO, 2017, p. 28).

No fragmento IV, encontramos uma das filhas de Catarina, a prostituta, sentada em um banquinho, quando “ele”, um cliente, olha para o banquinho com “desejo que desvirtuava o apreço”, o que cede lugar a uma breve digressão sobre a impropriedade do olhar ou do desejo ou, mais propriamente, da propriedade do objeto, cuja culpa, conclui o narrador, em um jogo de linguagem, se deve ao banco. Dele, o cliente, o “fio do pensamento” corre passando “pelo corpo de outras pessoas, por uma mesa de canto bem no meio do estabelecimento” para, enfim, chegar ao destino, que o leitor deve supor, e aqui surge, pela primeira vez, uma voz em primeira pessoa:

do local em que me encontro, como um moleque brincando de pipa, puxo o fio de ideias, mas não há mais como o pensamento se acomodar; e a língua, aquela que se perdeu do corpo, sem a mesma atenção, cai sobre os telhados alheios e ali permanece abandonada (PANAROTTO, 2017, p. 22).

O fio de ideias ou o fio da pipa constitui, ao mesmo tempo, o fio da trama do texto, a escritura do poeta que segue cerzindo e cozendo, diferentemente da puta novata do soneto de Bocage (2017, p. 112), que abandona a costura para se prostituir:

Dizendo que a costura não dá nada,
Que não sabe servir quem foi senhora,
A impulsos da paixão fornicadora
Sobe d’alcoviteira a moça a escada...

A atitude do poeta se afasta daquela da prostituta na mesma medida em que a prostituta se aproxima dos poetas “oficiais”, “pinduricos da casa grande”, poetas com os quais o autor não se solidariza e de quem, como lemos no fragmento VII, “o poema caiu da bunda”. E o mal cheiro provocado pelo poema piora depois

que um desavisado
pisou no coitado

[flopi...]

raspou o calçado na grama
fututou as rasuras da sola com um palito de picolé
em casa
escondido
pensou em passar a língua

nem por atrevimento
com esse tipo de poema
não há conversa
leva e traz horas
para o odor se dissipar
nem sempre sim (PANAROTTO, 2017, p. 26-27)

Que o fio de ideias ou o fio da pipa constitua o fio da trama do texto se observa, como vimos, pela manifestação de uma voz em primeira pessoa, significando, de certa forma, uma reconciliação do moleque com o poeta. Quando moleques, as palavras conservam, na nossa infantil imaginação, um compromisso com as coisas. E, como o autor mesmo confessou pessoalmente, em sua molequice, no oeste catarinense, a descoberta de que havia uma puta chamada Catarina significou algo que, agora, verte em poesia. Catarina, a puta, contrastava com a Santa, mas como uma iluminação para a molecada: que existisse uma Catarina puta o que significaria para a Santa? Permaneceria Santa a Catarina?

Muitas vezes, jogos de palavras nos devolvem a percepção da realidade ou, ao menos, daquilo que sobra da realidade, contra e, ao mesmo tempo, com a mediação da linguagem, o que justamente tem sido a tarefa da poesia. Em jogos de palavras se sustenta a composição da trilogia de Panarotto, que, tratando de poder por meio de uma linguagem sexual, se inscreve numa velha tradição para criticar outra velha tradição, que, obviamente, ultrapassa os limites do estado.

A correlação entre relações sociais e sexuais se manifesta na literatura e nas artes geralmente em momentos de crise, assumindo, muitas vezes, uma postura moralista, o que, no entanto, certamente não se aplica aos livros da trilogia de Panarotto. A referida relação se manifesta, ainda, nas pornochanchadas brasileiras, por exemplo, que representam, nesse sentido, produtos do momento posterior ao Golpe de 1964. Um exemplo pertinente pelas afinidades com a trilogia se encontra em *Amor estranho amor*, dirigido por Khouri (1982), ambientado em uma casa de prostituição frequentada por poderosos, cujas negociações compõem o pano de fundo da rememoração de um personagem adulto que relembra os acontecimentos testemunhados e vivenciados enquanto moleque na casa em que trabalha sua mãe, uma prostituta de Santa Catarina, o “estado da confederação em que” – como observa o nosso narrador – “todos os governadores, sem exceção, foram uns merdas” (PANAROTTO, 2017, p. 24).

A atualidade do livro de Panarotto, confirmando, inclusive, a relação da tradição em que se inscreve com momentos de crise, se comprova em um momento em que a linguagem sexual, antes restrita a imagens das linguagens da arte e dos cidadãos supostamente impotentes diante do poder, se manifesta deliberadamente no discurso de um congressista brasileiro ao

comparar metaforicamente o comportamento na casa a partir da qual se enuncia a uma suruba.

Referências

AMOR ESTRANHO AMOR. Direção: Walter Hugo Khouri. Roteiro: Walter Hugo Khouri. Brasil, 1982.

BOCAGE. **Antologia de poesia erótica**. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

PANAROTTO, Demétrio. **Café com boceta**. Camboriú: Butecanis Editora Cabocla, 2017.

PANAROTTO, Demétrio. **No puteiro**. Camboriú: Butecanis Editora Cabocla, 2016.

PETRÔNIO. **Satyricon**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Recebido em junho/2017.

Aceito em setembro/2017.